

ÁLVARO GONÇALVES PEREIRA

Paula Pinto Costa

ÁLVARO GONÇALVES PEREIRA era membro da família Pereira, uma das mais prestigiadas do Portugal medieval, nomeadamente no século XIV. Os Pereira tiveram origem na honra de Pereira, em Vermoim (concelho de Vila Nova de Famalicão). Nas imediações, e em particular nos julgados de Braga, de Refojos de Riba de Ave e de Faria, possuíam outros bens imóveis que davam conta do seu poder crescente. No século XIII já eram proprietários de bens mais a sul nas zonas dos rios Sousa, Douro e Vouga. Esta família teve, porém, uma evolução sinuosa. Depois de ter desaparecido da corte régia no século XIII, faria um percurso de ascensão nos dois séculos seguintes, marcado pelo reforço da ligação à coroa, pelas alianças com outras famílias, pelo alargamento da sua base patrimonial e pelas carreiras eclesiásticas de alguns dos seus membros (PIZARRO, 1999, vol. 2, p. 293-296).

Álvaro Gonçalves Pereira, documentado entre os anos 30 e 80 do século XIV, é uma forte expressão do estatuto da sua família. Aliás, deu um contributo decisivo para a sua projeção. Foi um homem de carreira eclesiástica, professor na Ordem Religioso-Militar do Hospital, onde prestou serviço tanto em Portugal como além da fronteira, e foi muito comprometido com a monarquia, circunstâncias decisórias na afirmação do seu poder. Os manuscritos referem-se a ele apenas como Álvaro Gonçalves, o que era normal nesse tempo. Gonçalves é o patronímico que indica ser filho de um homem chamado Gonçalo. Com efeito, era filho ilegítimo de Gonçalo Gonçalves Pereira, arcebispo de Braga, e de Teresa Pires Vilarinho. Destaque-se, ainda, que era neto paterno de Gonçalo Pires Pereira, Grão-Comendador Hospitalário nos Reinos Peninsulares, e da

sua primeira mulher, Urraca Vasques Pimentel. Os Pereira eram uma família muito interessada na Ordem do Hospital, devotando-lhe alguns parentes.

No âmbito da Ordem do Hospital, Fr. Álvaro Gonçalves Pereira fez um percurso desde a base, tendo entrado como freire, até ao topo da hierarquia, chegando a Prior de Portugal. Envolveu-se de forma intensa nos mais altos assuntos políticos e militares que marcaram a conjuntura portuguesa e internacional. Como momentos-chave que condicionaram o seu tempo tenham-se em conta a perda definitiva dos territórios latinos do Mediterrâneo oriental (1291), a assinatura do tratado de Alcanices entre Portugal e Castela (1297), a concessão da ilha de Rodes aos Hospitalários (1306) e a batalha do Salado (1341). Daqui emanaram desafios que impeliram Fr. Álvaro para ações em torno da política ibérica, acentuadas pelo facto de ter sido contemporâneo de três reis portugueses (D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando), e para outras centradas no domínio do Mediterrâneo oriental. Num contexto de grandes dificuldades, deslocou-se à ilha de Rodes, sede conventual da Ordem em que tinha profesado, e levou consigo 25 cavalos, cruciais para viabilizar o sucesso das forças ocidentais no cenário de guerra mediterrânico. Em consequência, o Grão-Mestre Helion de Villeneuve promoveu-o, concedendo-lhe o título de Prior de Portugal, fazendo-o sucessor de Fr. Estêvão Vasques Pimentel, que morreu em 1336 (BARROCA, 2000b, vol. II, tomo 2, p. 1580-1593; COSTA, 2015, p. 45-71).

Ao nível da política ibérica, o papel que desempenhou na batalha do Salado, travada em 1340 em solo castelhano, constituiria o facto determinante para a sua afirmação e projeção futura. Precisamente um ano após a batalha, (TT – *Gaveta VI*, m. 1, nº 212 e *L.N., Guadiana*, livro 8, fls. 69-69v), este Prior recebeu autorização régia para comprar umas herdades, destinadas a manter os capelães de uma capela em honra de Santa Maria que fundou na Flor da Rosa, no termo do Crato. Trata-se de uma marca comemorativa carregada de simbolismo. Álvaro Gonçalves Pereira participou nesse conflito armado entre cristãos e muçulmanos e, segundo a tradição, terá levado consigo um

fragmento do Santo Lenho ou da Vera Cruz, relíquia que se encontrava depositada na igreja Hospitalária de Marmelar (concelho de Portel), o qual terá propiciado a vitória. A história deste episódio deve-se a uma narrativa feita pelo Conde D. Pedro Afonso, filho bastardo do rei D. Dinis e que foi incorporada no *Livro de Linhagens*. A Coroa, os Pereira, a Cruzada e a Vera Cruz são os elementos centrais deste discurso, redigido pouco depois da batalha do Salado e refundido cerca de 40 anos mais tarde, e que fixa uma memória extraordinária (*Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, [ed. 1980 por José Mattoso]. In *Portugaliae Monumenta Historica*, vol. II: Lisboa: Academia das Ciências, p. 239-257).

Em simultâneo, e em cumprimento de um plano estratégico bem gizado, Fr. Álvaro foi o mentor de um plano de construção ímpar e de intervenção no território, em sintonia com o seu programa conceptual e objetivo de afirmação de poder. Como tributo à vitória da referida batalha do Salado, começou por construir a capela da Flor da Rosa, que rapidamente evoluiu para uma igreja-fortaleza e que inclui um paço residencial. A necessidade de ostentação é evidente. A própria designação de Flor da Rosa pode ser interpretada como um reflexo de aproximação à casa conventual da Ordem do Hospital, situada em Rodes, já que a Flor da Rosa pode ser uma evocação de Rodes (em grego, *rodon* significa rosa). O propósito de expansão territorial com a chancela da sua família, levou este Prior a definir um claro programa de construções. A prioridade foi a Amieira e a Sertã. A Ordem do Hospital tinha nessa altura duas bases de assentamento emblemáticas no sul de Portugal: Belver e o Crato. O castelo da Amieira, junto ao rio Tejo (concelho de Nisa), foi construído entre os anos de 1356 e 1362 e incorpora técnicas típicas do Oriente Latino, um horizonte sempre recordado e projetado em Portugal. A ausência de guerra reforça a dimensão simbólica desta construção militar e a consolidação da jurisdição da Ordem no Alto Alentejo e na Beira Baixa. Em Cernache do Bonjardim mandou também construir um paço residencial (1356), onde poderá ter nascido o seu filho Nuno Álvares Pereira, o Condestável de D. João I. E de

1358 há informação sobre a realização da cava e barbacã no Crato e na Amieira (BARROCA, 2000a, p. 193-209; COSTA, 2013, vol. II, p. 313-330).

Este ciclo de construção intensa ao longo das décadas de 40 e 50 do século XIV absorveu boa parte dos rendimentos da Ordem do Hospital, o que era especialmente gravoso, tendo em conta que, à sua escala global, estava a atravessar problemas muito graves. Foi neste contexto adverso que Álvaro Gonçalves Pereira construiu uma verdadeira rede, expressão do seu poder. Herdou do seu antecessor a remodelação da sede primitiva da Ordem do Hospital em Portugal, instalada no complexo conventual de Leça do Balio (concelho de Matosinhos), que entre 1306 e 1336 foi alvo de uma campanha de obras muito profundas (COSTA; ROSAS, 2001, p. 67-68). Provavelmente animado também por esta renovação, fez uma aposta nos territórios mais meridionais do reino, onde promoveu uma espécie de refundação da Ordem do Hospital em pleno século XIV, exaltando a sua natureza. A estratégia de domínio territorial e de afirmação senhorial estiveram na origem da encomenda de uma lâmina de bronze que foi colocada no mosteiro de Leça em homenagem ao Prior Estêvão Vasques Pimentel, seu antecessor e parente (BARROCA, 2000b, vol. II, tomo 2, p. 1580-1593). Com este gesto, incorporou também o mosteiro de Leça neste emblemático ciclo retórico dos Pereira, estabelecendo um vínculo com a casa fundacional da Ordem em Portugal e reforçando a sua ascendência sobre a instituição de que era administrador.

Como consequência desta estratégia, no século XIV torna-se evidente o domínio senhorial e político dos Pereira. As construções assinaladas sugerem a existência daquilo a que podemos chamar um *ciclo Pereira*, protagonizado por Fr. Álvaro. A sua determinação, experiência política e ambição senhorial, estimuladas pela sua participação na batalha do Salado e pela viagem a Rodes, permitiram-lhe defender uma interpretação renovada da cruzada e das referências simbólicas a esse universo, de que a Ordem do Hospital é o eco por excelência. Sintoma de tudo isto foi a mudança da sede conventual de Leça do

Balio para o complexo do Crato / Flor da Rosa, mesmo depois de os aposentos de Leça terem sido totalmente requalificados. No século XIV, a nova centralidade do reino e da Ordem estavam cada vez mais assentes no sul do território.

A morte de Álvaro Gonçalves Pereira ocorreu em data incerta, por volta do ano de 1380. Escolheu ser sepultado na Flor da Rosa, vontade reveladora do significado que atribuía a esse edifício-panteão, fundado por si próprio em comemoração da vitória do Salado. O protagonismo da sua família perdurou, em parte por via de alguns dos seus numerosos filhos, entre os quais se inclui o carismático Condestável Nuno Álvares Pereira, fruto de um relacionamento com Iria Gonçalves. O manuscrito genealógico inserto no *Livro de Linhagens* e o amplo programa construtivo, nomeadamente a igreja-fortaleza da Flor da Rosa, uma espécie de panteão, são indicadores da aura dos Pereira e da ambição de projeção no futuro, reforçada pelo prestígio que o Condestável Nuno Álvares Pereira viria a alcançar.

Referências

BARROCA, Mário. A Ordem do Hospital e a arquitectura militar em Portugal (sécs. XII a XIV). In: *Arqueologia da Idade Média na Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. VII. Porto, 2000a, p. 193-209.

BARROCA, Mário. *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, 3 volumes. Lisboa: FCG-FCT, 2000b.

COSTA, Paula Pinto. As estruturas militares de Belver, do Crato, da Amieira e da Sertã: entre o domínio territorial e a afirmação senhorial. In: FERNANDES, Isabel Cristina F. (coord.). *Castelos das Ordens Militares. Actas de Encontro Internacional*, vol. II. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, 2013, p. 313-330.

COSTA, Paula Pinto. Álvaro Gonçalves Pereira: um homem entre a oração e a construção patrimonial como estratégia de consolidação familiar. *População e Sociedade*, nº 23 (junho, 2015). Porto: CEPSE, 2015, p. 45-71.

COSTA, Paula Pinto; ROSAS, Lúcia. *Leça do Balio no tempo dos Cavaleiros do Hospital*. Coleção Portucale. Lisboa: Edições Inapa, 2001.

PIZARRO, José Augusto Sottomayor. *Linhagens medievais portuguesas. Genealogias e estratégias (1279-1325)*, 2 vols. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família / Universidade Moderna, 1999.